

CENTRO UNIVERSITÁRIO CENTRAL PAULISTA
UNICEP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

NATANI CAROLINI CIPRIANO DOS SANTOS

A EDUCAÇÃO INFANTIL E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA

SÃO CARLOS - SP

2023

NATANI CAROLINI CIPRIANO DOS SANTOS

**A EDUCAÇÃO INFANTIL E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção de título em Licenciatura
em Pedagogia.

Orientador (a): Prof^ª Dr^ª Michele
Varotto Machado

SÃO CARLOS – SP

2023

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar a principio este trabalho de conclusão de curso a Deus e a minha avó Aparecida, que sempre me apoiou e me incentivou a estudar, assim também como minhas amigas de graduação.

Agradeço a todos os docentes que proporcionaram todo conhecimento e principalmente a minha orientadora Prof^ª Dr^a Michele Varotto Machado e minha coordenadora Ana Claudia Figueiredo Rebolho.

A Educação Infantil e seu Papel na Construção da Identidade da Criança Negra

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo abordar a construção da identidade da criança negra na Educação Infantil, trazendo como foco a forma como a representatividade pode interferir positivamente no seu desenvolvimento. E também pontua a forma como a educação antirracista ajuda a trabalhar a imagem do negro na sociedade. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para fundamentar o tema do estudo. Ao fim deste trabalho é possível verificar a forma como a representatividade, focando na literatura infantil, pode beneficiar o trabalho dos professores para abordar esse tema em sala de aula, dando destaque para algumas literaturas infantis que trabalham a temática e que pode contribuir para a discussão sobre a representatividade na Educação Infantil.

Palavras chaves: Racismo; Educação Antirracista; Educação Infantil, Identidade.

ABSTRACT: This article aims to address the construction of black children's identity in early childhood education, focusing on the way in which representation can positively interfere with their development. And it also highlights the way in which anti-racist education helps to work on the image of black people in society. To this end, a bibliographical research was carried out to support the study theme. At the end of this work, it is possible to verify how representation, focusing on children's literature, can benefit the work of teachers to address this topic in the classroom.

Keywords: Racism; Anti-Racist Education; Early Childhood Education, Identity.

Introdução

A importância da educação antirracista para as crianças desde a primeira infância até a sua vida adulta é o tema central deste trabalho, isto porque se acredita que o desenvolvimento da construção da identidade dessa criança está totalmente ligado com a forma que esse assunto chegará até ela e o impacto que causará, caso não chegue nessa faz da vida.

Por isso é importante começar pensando no Brasil tendo uma grande concentração de negros e mestiços em sua população, e como afirma Macedo (2017), tem-se a visão que o racismo é quase inexistente, imagina-se que aqui todos são tratados de forma igualitária e que a discriminação é algo abominável. Acredita-se, ainda, que o país trata a cultura negra ensinada nas escolas, e que as crianças desde cedo já possuem a consciência de que o racismo é algo repulsivo perante os olhos da sociedade, porém não é exatamente assim que as coisas acontecem. Como afirma o autor

Observo de forma crítica e combativa o desinteresse, a negação e o abandono oferecidos às crianças e jovens negras/os e como consequência as atitudes racistas que são naturalizadas pelo silêncio da escola - estratégia de muitas/os profissionais para não serem impelidas/os a adotarem uma posição no enfrentamento ao racismo (MACEDO, 2017, p.388).

Porém, no cotidiano em notícias, nas ruas e principalmente nas escolas, as coisas não funcionam desse jeito, é notável a forma como o racismo é algo que faz parte do dia a dia da população, começando nas escolas, onde as crianças acabam ganhando apelidos e sendo alvo de piadas de mau gosto em forma de "brincadeiras"¹ entre amigos, muitas vezes, até os próprios professores acabam tendo atitudes errôneas com os seus alunos negros fazendo uso de comentários racistas ou até mesmo excluindo essas crianças.

Para um país que viveu mais de 300 anos de escravidão, como relata Costa e Silva (2018), esse tipo de situação é algo comum, pois diferente do que se está acostumado a ouvir, o Brasil é um país extremamente racista, e esse assunto vem passando geração a geração, mantendo esse ciclo inquebrável.

Como podemos quebrar esse ciclo para que haja uma mudança nesses pensamentos e atitudes? Macedo (2017) afirma que para que isso aconteça, a humanidade teria que começar de novo, pois esse preconceito está enraizado em nossa sociedade.

¹ Grifo da autora

Porém, temos como diminuir os danos que essas ações causam em nossas crianças e, isso pode começar dentro das salas de aula, mas para isso precisamos muito mais que somente as leis, ou seja,

Quanto à capacitação profissional para o trato com as questões raciais foram criadas algumas iniciativas pensadas a partir da compreensão da complexidade que temáticas inclusivas trazem para as instituições, muitas delas ainda calcadas na ideia arcaica de que a escola tem como papel apenas a transmissão de conteúdos e também na real carência formativa para uma prática pedagógica mais plural (MACEDO, 2017, p 391).

Diante das justificativas apresentadas, têm-se como problema de pesquisa os seguintes questionamentos: 1) o que é a educação antirracista? 2) Como ela pode afetar a construção da identidade da criança? 3) Como posso abordar o racismo na educação e a questão da representatividade?

Para respondê-los, coloca-se para a pesquisa o objetivo geral de abordar a construção da identidade da criança negra na Educação Infantil. Desse derivam os seguintes objetivos específicos: entender a importância da educação antirracista; discutir como a representatividade ajuda na construção da identidade da criança; destacar como a literatura infantil pode abordar o racismo para as crianças, ajudando construção de sua identidade.

Com base na metodologia deste estudo foi empregado uma pesquisa bibliográfica, de acordo com Bastos e Keller (1995, p. 53) “É uma investigação metódica a cerca de um assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo”.

Com o intuito de alcançar os objetivos estabelecidos, este trabalho está dividido em três seções. A primeira seção aborda sobre a questão racial no Brasil e a forma como a escravidão afeta, ainda hoje, o convívio social dos negros, focando na forma que a educação antirracista pode quebrar o estereótipo negativo do negro. Na segunda seção terá como destaque a importância da representatividade na Educação Infantil, e como através dela é possível construir a identidade da criança negra. E, por fim, na terceira seção destaca-se como a literatura pode abordar a temática de forma simples e direta, fazendo, assim, o trabalho do professor de forma clara e objetiva. Demonstrando como o racismo pode impactar o desenvolvimento de uma criança.

Ao final, apresentam-se algumas conclusões que esse trabalho permitiu.

1. “Um País Racista chamado Brasil”: conceitos, contextos e as possibilidades no contexto educacional

Esta seção terá como foco o racismo e a forma como ele se enraizou na sociedade brasileira, também será abordada a questão da escravidão e como até hoje ela vem afetando a população, bem como trará uma discussão sobre as possibilidades de construção de uma educação antirracista desde a mais tenra idade.

Quando a palavra racismo ou racista é pronunciada as pessoas brancas tendem a temê-la, da mesma forma com que quando esse termo é dito de forma ofensiva é de costume ouvir-se em seguida: “eu racista? Imagina! Eu tenho até um amigo negro!”², ou ainda, “Eu, jamais, na minha casa trabalha uma mulher negra que considero como minha mãe!”. Dessa forma, a pessoa que cometeu o ato tenta livrar-se da acusação, causando um desconforto ou até uma certa culpa na pessoa que o acusou.

Porém, para que isso seja evitado, o ideal é que se entenda o que é o racismo, e as nuances que esse traz, por isso, Santos (2001) afirma

Tanto o preconceito racial quanto o racismo não se confundem com a discriminação porque está só acontece na medida em que um e/ou outro se manifestam. O preconceito e o racismo são atitudes. São modos de ver certas pessoas ou grupos raciais. Quando ocorre uma ação, uma manifestação, um comportamento de forma a prejudicar, é que se diz que houve discriminação. Enfim, quando o racista ou preconceituoso externaliza a sua atitude, agora transformada em manifestação, ocorre a discriminação (SANTOS, 2001, p, 3).

Na maioria das vezes, ainda segundo Santos (2001), os negros conseguem identificar o racismo logo nos primeiros momentos de interação com um indivíduo, ou até mesmo na mudança de comportamento, que ocorre, por exemplo, quando uma pessoa vê um cidadão preto³ andando na rua e acaba mudando de calçada por medo de ser assaltada, independente da forma que esse cidadão esteja vestido. Normalmente ações como essa ficam somente nos olhares ou na linguagem corporal da pessoa, o que faz com que a pessoa negra agredida cale-se, pois quando se manifesta sobre o ocorrido, frases como: “ai é coisa da sua cabeça”, ou “nada a ver você que quer se vitimizar”, são comumente pronunciadas.

² Grifo da autora

³ Portanto, em um contexto de fortalecimento do movimento social e de valorização da negritude, não é de se surpreender algum grau de recusa a ser preto e a opção por ser negro. Todavia, do ponto de vista da classificação, esse contraste entre preto e negro não chega a ser um problema (IBGE, BRASIL 2006)

A partir de tais questões, torna-se essencial compreender a questão do racismo no Brasil. Segundo o IBGE (BRASIL, 2020), o país possui uma população com mais da metade de pessoas negras, sendo o país com mais pessoas negras fora da África. Interessante é que mesmo com todos esses dados, o racismo é tão estruturado e presente na sociedade brasileira.

Porém, para entender melhor a história do racismo no país, é preciso haver uma contextualização histórica do assunto. Segundo Ribeiro (2020), o primeiro ponto a entender ao falar sobre racismo no Brasil é trazendo a perspectiva histórica, a começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Isto porque, é necessário, para a autora, quebrar com os estereótipos que a escravidão trouxe, sendo o primeiro deles a crença da superioridade de um povo, e com isso a ideia de que quem não era igual a eles (brancos), não eram dignos de compaixão e de serem tratados de forma humana. Através desse pensamento é que resultou em sofrimento e a violência do povo escravizado.

Vale ressaltar ainda, uma prática social e econômica entre os séculos de XVI a XIX, em que milhões de africanos foram transformados em mercadoria sendo transportados e vendidos para as Américas de forma legalizada para trabalhos braçais de plantios e serviços gerais, em troca de moradia e alimentação, fator esse que destruiu a vida de milhares de pessoas, exatamente pela disseminação dessa crença na superioridade racial.

No porão dos navios negreiros que por mais de trezentos anos cruzaram o Atlântico, desde a costa oeste da África até a costa nordeste do Brasil, mais de três milhões de africanos fizeram uma viagem sem volta, cujos horrores geraram fortunas fabulosas, ergueram impérios familiares e construíram uma nação. O bojo dos navios da danação e da morte era o ventre da besta mercantilista: uma máquina de moer carne humana, funcionando incessantemente para alimentar as plantações e os engenhos, as minas e as mesas, as câs e a cama dos senhores – e, mais do que tudo, os cofres dos traficantes de homens (SOUZA e SAYÃO, 2011, p. 126).

Somente no século XIX, a abolição foi concedida em grande parte do mundo, o maior motivo, segundo Costa e Silva (2018) foi por decorrência ao movimento abolicionista e luta por direitos humanos. O Brasil, no entanto, foi um dos últimos países a conceder o término da escravidão. Devido à falta de estrutura política e acompanhamento em relação à abolição, isso fez com que os “ex-escravizados”⁴ encontrassem dificuldades para se inserir na sociedade, ocasionando a falta de acesso a

⁴ Grifo da autora

moradia, emprego, educação e saúde, o que intensificou a ideia de inferioridade dos mesmos.

A abolição do trabalho escravo do Brasil foi o resultado final de um processo longo, lento e difícil de muitas lutas. O fim do uso da mão de obra escrava em nosso país não foi resultado do humanismo ou da benevolência da família real brasileira, conforme muitos acreditam, mas aconteceu porque um grande número de pessoas de nossa sociedade mobilizou-se para forçar o Império a pôr fim ao trabalho escravo (SILVA, 2020, p. 05).

A consequência de todo esse ato foi à intensificação do racismo, com a continuação por décadas e se manifestando de formas diferenciadas, porém com o mesmo foco de minimizar os negros e colocá-los em uma posição de pessoas inferiores. Observamos que, no Brasil, o racismo é tratado de forma diferente do que no resto do mundo, até por que o ato é feito de forma oculta e reservada ao contrário de outros países, onde é realizado de forma mais explícita.

Como exemplo, temos as atitudes racistas com a segregação racial que ocorreu nos Estados Unidos⁵, no século XIX, após a Guerra Civil⁶ ou também o *Apartheid*⁷ na África do Sul que durou dos anos 1948 a 1994. Já no Brasil, os negros foram esquecidos e marginalizados após a abolição da escravatura, mesmo nos dias atuais ainda vivem com as sequelas desses 388 anos, cotidianamente.

Percebe-se criticamente implica uma série de desafios para quem passa a vida sem questionar o sistema de opressão racial. A capacidade desse sistema de passar despercebido, mesmo estando em todos os lugares, é intrínseca a ele. Acordar para os privilégios que certos grupos sociais têm e praticar pequenos exercícios de percepção pode transformar situações de violências que antes do processo de conscientização não seriam questionadas (RIBEIRO, 2020, p. 107).

⁵ A segregação racial atingia homens e mulheres negras de todas as idades, impondo-lhes restrições no acesso ao emprego, à educação, ao transporte e às instalações públicas e privadas. As principais universidades não aceitavam estudantes negros e negras. Lojas, bares, restaurantes e ônibus tinham lugares demarcados. Pessoas negras não conseguiam comprar ou alugar casas em todos os bairros das cidades segregadas. Não era permitido às crianças negras estudar nas escolas reservadas às brancas, não podiam frequentar os mesmos parques e outros espaços de lazer e só lhes era autorizado utilizar determinados banheiros, vestiários e bebedouros. (MIRANDA, 2017, p. 11).

⁶ A Guerra Civil (1861-1865) e a abolição da escravidão, realizada de forma imediata e sem indenizações aos antigos proprietários de escravos, assinalam um dos períodos mais significativos não só para os Estados Unidos, mas também para a América, principalmente para aqueles países que ainda mantinham a escravidão. O conflito que dividiu o país por cinco anos e pôs termo acerca de seiscentas mil vidas circunscreve-se no âmbito das transformações que marcaram o século XIX, especialmente aquelas que dizem respeito ao processo de extinção do cativo nas Américas (MIRANDA, 2017, p. 14).

⁷ A partir de 1989, o subcontinente sul-africano, até então uma das principais regiões mundiais de conflito, passou por um processo de mudanças que o transformou em uma zona de paz entre os Estados. Com a exceção da guerra civil em Angola, todas as principais ameaças à segurança regional haviam sido eliminadas, e, conseqüentemente, a região começou a gozar de uma situação de segurança interestatal desconhecida há mais de uma geração (DOPCKE, 2008, p. 1).

Com isso, nota-se que o racismo nada mais é que o resultado desse sistema escravista enraizado dessa estrutura social, e para Pinsky (2000) a escravidão não é simplesmente um fato do passado. A herança escravidão continua mandando nossas realizações sociais quando estabelece distinções hierárquicas entre trabalho e também quando determina habilidades específicas para negros (samba, alguns esportes, mulatas) e mesmo quando alimenta o preconceito e a discriminação racial, essa realidade vem passando séculos.

Para o racismo ser cada vez mais raro e detestado, todos têm de lutar juntos, o branco precisa reconhecer seus privilégios e lutar para que aja igualdade, não ser racista só não basta, é preciso que exista a prática antirracista, acima de tudo.

É por isso que uma educação antirracista é tão importante para a construção de caráter de um cidadão sendo ele preto, branco, indígena ou de qualquer etnia, as crianças precisam aprender desde muito cedo a história de como o país foi construído, ou seja, em cima de uma prática desumana, e compreender que o que difere as “raças”⁸ são estereótipos. Para isso, é de suma importância que essa educação esteja presente desde a primeira infância, discussão essa que será abordada no tópico a seguir:

1.1 - Por uma Educação Antirracista

A partir das discussões já apresentadas, compreendemos os fatores históricos, econômicos e culturais que fizeram, infelizmente, do racismo uma prática cotidiana, porém, é preciso quebrar com essa situação. Por isso, esse tópico será destinado a abordar a forma com que a educação antirracista auxilia na construção de caráter e identidade das crianças.

Assim, destaca-se que para trabalhar a Educação Antirracista é necessário entender a sua importância para o ensino e aprendizagem dos/as alunos/as, isto porque o racismo pode afetar no desenvolvimento intelectual e social do indivíduo. Ressalta-se, ainda, qual o papel do poder público e dos professores nessa trajetória.

Segundo os autores Lima, Silva e Araújo (2021), em todos os espaços de interação social é possível identificar atos racistas e, no ambiente escolar não tem sido diferente, percebe-se que práticas que essas atitudes ainda são comuns e, por vezes, naturalizadas. É comum, por exemplo, ver crianças sendo excluídas de grupos de amigos por serem

⁸ Grifo da autora

negras, ou ver e ouvir crianças falando coisas negativas sobre o cabelo e pele de um colega. Todavia é importante ressaltar que essas práticas, na maioria das vezes, são reflexos de atos praticados por adultos, visto que ações como essas só são replicadas por influências de adultos.

Tal situação requer uma postura docente não de represália, mas de transformação e debate de tais atitudes. Porém, os professores, muitas vezes por não fazer nada para mudar situação, sendo por concordar com a atitude, por não querer esses tipos de “problema” em suas mãos, ou até mesmo por não ver o ato, faz com que a criança agredida por medo ou vergonha não relatar o ato ao docente, internalizando aquela situação, o que gera desconforto e insegurança. Conforme o autor Munanga (2005, p.146), “ainda encontramos muitos(as) educadores(as) que pensam que discutir sobre relações raciais não é tarefa da educação. É um dever dos militantes políticos, dos sociólogos e antropólogos”.

Com esses pensamentos, os educadores acabam incitando ainda mais a questão racial pejorativa no ambiente escolar, levando em conta que muitas crianças crescem rodeadas por um ambiente, onde seus responsáveis têm ideias e valores já formados, e acabam passando para as crianças uma visão contorcida de mundo. Se professores têm a ideia de que a educação antirracista não é dever deles, essas crianças vão crescer e se tornar cada vez mais preconceituosas.

Para os autores Lima; Silva e Araújo (2021, p.2), essa atitude “exerce uma influência negativa no processo de aprendizagem dos estudantes negros e gera conflitos nas relações sociais estabelecidas entre brancos e não brancos”. Dessa forma, os alunos pretos podem acabar desenvolvendo muitos problemas referentes à sua aprendizagem ou até mesmo traumas que serão levados para o resto de suas vidas, ou seja,

Comprendemos que o racismo, o preconceito e a discriminação racial disseminado por meio de práticas e atitudes corriqueiras, causam danos irreparáveis na vida das pessoas e que, assim com a vítima, quem os praticam também sofrem as consequências dos seus atos (LIMA; SILVA; ARAÚJO 2021, p.7).

Isso significa que, muitas vezes, por serem negligenciadas pelos professores, as crianças negras entendem que são invisíveis aos olhos dos adultos, e acabam se fechando cada vez mais para o mundo que as rodeiam, sendo excluídas pelos colegas no ambiente escolar e, com isso, crescem acreditando que não possuem capacidade o suficiente para aprender ou para fazer amigos, assim vão perdendo o interesse em frequentar as escolas.

Conforme Lima; Silva e Araújo (2021) pode-se dizer que a escola, assim como as demais instituições sociais, está repleta de situações de preconceito e discriminação, principalmente para com os diferentes. Ou seja, o racismo é algo que está enraizado na sociedade em todos os lugares, nas ruas e comércios, em escolas, universidades e até em hospitais.

Visando minimizar e acabar com toda essa situação, os autores destacam que:

Em 2003, a lei 10.639/03 tornou obrigatório a inclusão nos currículos das escolas da rede pública e da rede privada, do ensino fundamental e médio, o ensino da história e das culturas africanas e afro-brasileira. Cinco anos depois, a Lei 11.645, a complementa incluindo a obrigatoriedade do ensino da história e culturas dos povos indígenas. E, assim, passamos a vislumbrar a promoção de uma educação antirracista, isto é, uma educação das e paras as relações étnico-raciais, contemplativa da diversidade étnico-racial e cultural que compõe o Brasil (LIMA; SILVA; ARAÚJO 2021- p. 09).

A lei 10. 639/2003⁹, portanto, destaca sobre a importância de introduzir a cultura afro-brasileira no ensino na escola, traz para a educação uma esperança de mudança, porém, assim mesmo, falta muito para que as escolas realmente trabalhem uma educação antirracista, visto que em sua maioria os docentes desenvolvem as temáticas exigidas somente em datas comemorativas e trazendo de uma forma muito superficial. Para o autor Munanga (2005, p. 147).

Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/ realidade social/diversidade étnico-cultural é preciso que os(as) educadores(as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras. E trabalhar com essas dimensões não significa transformá-las em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestam na nossa vida e no próprio cotidiano escolar. Dessa maneira, poderemos construir coletivamente novas formas de convivência e de respeito entre professores, alunos e comunidade. É preciso que a escola se conscientize cada vez mais de que ela existe para atender a sociedade na qual está inserida e não aos órgãos governamentais ou aos desejos dos educadores.

Como instituição, a escola, precisa trabalhar para que exista um ambiente equilibrado para o convívio de todos, por isso, pensar e desenvolver uma educação

⁹ (Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Data de assinatura: 09 de janeiro de 2003 ementa: altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira" e dá outras providências).

antirracista não é somente trabalhar atividades temáticas, e sim ter a sensibilidade de identificar esses tipos de comportamentos preconceituosos, saber ouvir quando uma criança se sente de alguma forma ofendida por algo que lhe foi dito. Segundo Costa, Silva (2018, p. 11) “o professor tem que passar a compreender a questão étnico-racial para transmitir aos alunos uma atitude de respeito e valorização dessas diferenças culturais, um professor jamais pode ter atos racistas, pois é nele que as crianças se espelham”. Além disso, é necessário ser contra qualquer tipo de preconceito, ser qualificado para saber trabalhar a temática com os seus educandos, trazendo essa de forma crítica e clara.

Trazer a cultura africana e indígena para dentro de sala de aula é o melhor caminho para combater o preconceito, e é através de representatividade que esse preconceito será combatido, pois quando o indivíduo conhece e outra cultura, a chance de repudia-la é menor. Por isso, trazer, desde cedo, essas culturas para dentro da sala de aula são tão importantes, como relata Munanga (2005).

A partir de tais discussões, notamos como o racismo foi implantado na estrutura social brasileira, a qual está intrinsecamente ligada ao processo de escravidão, que mesmo com mais de 100 anos de abolição, ainda deixou resquícios em nossa História que se perpetuam. Por isso, uma educação antirracista pode trazer benefícios para a criança e com o olhar crítico dos profissionais da educação é importante para o combate contra o preconceito, principalmente quando se trata de crianças muito pequenas, como será abordado a seguir.

2. A Importância da Representatividade na Educação Infantil

Nesta seção o foco será o papel da educação infantil para o desenvolvimento da construção da identidade da criança negra, trazendo a importância de se trabalhar essa temática desde muito cedo, de modo a desenvolver o processo de representatividade.

O papel da Educação Infantil para a criança é de extrema importância, pois é onde ela começa a experimentar o mundo e suas possibilidades de formas diferentes, assim como é o lugar, onde se iniciam suas relações sociais, aprendendo a lidar com emoções e desenvolvendo autonomia. A aprendizagem das crianças pode acontecer através de atividades lúdicas, brincadeiras, jogos e a música, desenvolvendo as capacidades cognitivas, físicas, motoras e socioemocionais.

Por ser o primeiro contato da criança com outros indivíduos que não sejam da família, a escola, segundo Machado (2018), tem um papel crucial para a formação da

identidade, e por esse motivo, essa etapa é muito importante. Por isso, é fundamental que as escolas sejam um ambiente onde as crianças sintam-se acolhidas e sem nenhum tipo de distinção ou intervenção negativa.

Nunes (2021) afirma que há a crença de que por serem crianças tão pequenas não exista nem um tipo de discriminação entre elas, principalmente por esse tipo de atitude, na faixa etária correspondente à Educação Infantil, não serem identificadas pelos os adultos, já que quando ocorre é sempre através de brincadeiras referentes a alguma característica como o cabelo, nariz ou boca da criança. Assim, para o autor:

Para confirmar sua participação em sociedade, é importante que as crianças negras se vejam e sejam vistas como pessoas, como parte da sociedade. Desse modo, tanto na escola como fora dela, as crianças negras, para se tornarem parte, precisam encontrar consigo mesmas nos espaços em que habitam, seja em casa ou na escola (NUNES, 2021, p. 68).

Dessa forma, compreendemos que quanto menores as crianças, mais difícil identificar qualquer traço racista em suas atitudes. Crianças maiores, por volta dos seus 5 a 6 anos de idade, já conseguem descrever-se usando a característica da cor da pele, como também conseguem identificar essa diferença em seus colegas, porém por serem muito pequenas isso acaba sendo imperceptível aos olhos dos profissionais das escolas.

Nesse sentido, é que Nunes (2021) vem afirmar a necessidade de um trabalho pedagógico que valorize as diferenças e contribua para que a criança possa construir e valorizar sua identidade. Para isso, no tópico a seguir trataremos da construção dessa identidade na criança negra.

2.1- A construção da identidade da criança negra

A construção da identidade da criança negra nos primeiros anos de vida, afeta diretamente na visão de si e na construção da autoestima da criança. Desta forma, torna-se essencial a discussão sobre o processo de construção da identidade.

A criança começa a descobrir quem ela é desde que nasce e isso continua ao longo de sua vida. Ela se torna consciente de si mesma como uma pessoa única à medida que cresce. Isso acontece por causa das interações que ela tem com as pessoas ao seu redor, como Machado (2018) explicita, por isso quanto mais interações ela tem, mais isso afeta sua capacidade de ser independente quando adulta. Tudo o que a criança experimenta nos primeiros três anos de vida, por exemplo, ajuda a construir sua identidade, e ela entende que tudo ao seu redor faz parte dela.

Nesse sentido, é possível ver que a identidade desses pequenos começa a ser construída no meio familiar desde o nascimento, tendo o apoio do ambiente escolar, visto que a escola é o local onde a criança mais convive depois da família.

Porém, como essa construção de identidade acontece para as crianças negras? É um ponto que merece destaque. Para Alcanfor e Bansso (2019), a criança negra já começa a ter dificuldades de encontrar seu lugar quando dá início a sua vida letiva, isso porque

A identidade étnica não está compreendida aqui, apenas como um conglomerado de sinais fixos (origem, parentesco biológico, língua, religião etc.), mas como um processo histórico, dinâmico, em que esses sinais são selecionados e reelaborados em relação de contraste com outros grupos de identidade étnica de matriz africana (ALCANFOR e BASSO, 2019, p. 16).

É comum que a criança encontre na escola certas ações que não estão acostumadas, sendo elas boas ou ruins, crianças negras normalmente crescem lares onde o racismo não existe, e quando existe é um reflexo das ações que esse adulto sofreu ao longo da vida e assim replicando-o em suas crianças.

Para Gomes e Araújo (2023) aos familiares da criança negra sabem da importância de se orgulhar de suas raízes, a forma que vai passar esses ensinamentos para seus filhos é diferente. Entretanto mesmo que esses os preparem para entrar no ambiente escolar, passando para as crianças todos os valores, assim que entrarem em uma escola e se deparam com racismo, os traumas serão inevitáveis, e podem acompanhá-la para o resto de sua vida, essa realidade de preconceito, discriminação e racismo, infelizmente, segundo os autores ainda é algo forte na realidade brasileira.

No Brasil o racismo é a regra, e não a exceção; ou seja, processos institucionais e atitudes individuais não podem ser analisados isoladamente, pois estão fundadas no racismo estrutural da sociedade brasileira. No entanto ao afirmar que o racismo é sistemático, estrutural e estruturante não significa dizer que nada podemos fazer e que ações antirracistas sejam inúteis (ALMENIDA, 2019 apud GOMES e ARAÚJO 2023 p. 154).

Quando entendemos que o racismo causa muitos danos para a criança negra, visto que ela começa a construir a sua identidade desde muito pequena, é preciso combatê-lo muito rápido dentro do ambiente escolar, pois para a criança entender a dor que esse ato causa é muito difícil, isso porque, muitas vezes, a criança, além de estar passando pelo processo de adaptação e de um novo ambiente, ela ainda terá que lidar com esse novo desafio que é o racismo.

Ribeiro e Silva (2019) diante de todas essas questões afirmam que a construção da identidade dessa criança é um caminho fundamental para emponderá-la e ajuda-la a superar esse tipo de situação. Por isso,

Quando se trata de identidade racial no Brasil, ela perpassa por um olhar monocromático, possivelmente alimentado pelo mito da democracia racial, sendo evidente o quanto nossas estruturas sociais, seja na mídia, na religião, na política, ou na escola, intensificam através de uma padronização de pensamento uma falsa identidade, seja do indivíduo ou do coletivo do povo brasileiro (RIBEIRO e SILVA, 2019 p. 3).

É notável que, mesmo tendo uma população miscigenada, o Brasil continua carregando essa herança eurocentrista tão forte na cultura nacional, em um país onde a diversidade étnica e cultural é tão rica, é possível perceber que os meios de comunicação reforçam um padrão social e beleza branca. Segundo Alves (2012, p. 6), “a representatividade negativa do negro na imprensa brasileira, se dava à influência cultural europeia exercida sobre a elite brasileira em meados do século XIX. Elite essa detentora, desde os primórdios, dos meios de comunicação deste país”. Essa exaltação de uma etnia específica passa uma visão destorcida de que, o que não é igual a o que aceito, não é bonito pela sociedade. Afetando diretamente e indiretamente a forma como todos os que não se encaixam nesse padrão se vêem e não se aceitam.

Por isso, a representatividade é algo cada vez mais importante, visto que ela tem um impacto muito grande na construção da identidade de uma pessoa preta, já que é por meio dela que o sujeito passa a se amar, isso porque, como destaca Batista e Caldeira (2023), quando uma pessoa enxerga através de algo ou alguém ela passa a se amar com mais facilidade. Ou seja, uma criança que consegue se ver em personagens de desenho e filmes, princesas e heróis ela consegue construir uma identidade positiva de si, com mais facilidade. Além disso, através dessas mesmas personagens é possível mostrar que a beleza está em qualquer pessoa, e que o formato do corpo, do cabelo ou a cor da pele não é uma barreira da beleza. Para as autoras Batista e Caldeira (2023, p. 8) “A representatividade negra presente nos projetos gráficos cumpre um importante papel na ampliação do repertório estético-cultural de leitores infantis”.

Nesse sentido, é notável a forma como a falta de personagens negros nas mídias, filmes, desenhos e livros afeta negativamente a visão que a criança preta pode ter dela mesma, isso é provado através das gerações anteriores, em que muitas pessoas negras, principalmente as mulheres não conseguem se ver como uma mulher bonita, mesmo que sejam elogiadas. Alves (2012) relata que essa percepção é algo que elas não conseguem enxergar. Hoje, com através de todas as ações e prática antirracista que se tem, é possível

notar as mudanças positivas que a visibilidade negra tem para a construção da identidade negra, isso porque, para a autora

A análise do papel da mídia como reprodutora de discurso social pressupõe uma tendência pela procura dos sentidos daquilo que é dito. Dessa forma, há estudos voltados à compreensão do que a publicidade diz sobre as mulheres, do que a imprensa diz sobre os pobres ou do que a televisão diz sobre os negros. (ALVES, 2012, p. 13 e 14).

Nesse aspecto, a autora relata que a escola tem um papel fundamental, e por isso, precisa estar atenta a todas as manifestações que possam surgir. Porém, isso não é algo simples, pois por se tratar de crianças muito pequenas, é notado que identificar o racismo é algo muito complicado, devido a serem ainda muito novas é difícil pensar e até mesmo identificar o racismo, pois, na maioria das vezes, ele está velado, no entanto o docente precisa estar atento e entender que o racismo está presente, sim, também nas crianças.

Considerar que quaisquer mudanças significativas no âmbito escolar passem ainda que se considere um conjunto de fatores históricos, sociais culturais, políticos e econômico- pelas intervenções nas formas de ver o mundo e o processo e formativo dos sujeitos. Essas formas de ver o mundo precisam ser indagadas, pois são instância de formação- é necessário se predispor a isso enquanto formadores. Indagar porque nos inserimos numa sociedade caracterizada pela exclusão de diferentes formas constituindo as desigualdades, a perversidade das perspectivas coloniais ainda existentes na estruturação dos currículos escolares e dos modos de viver e conceber o mundo, o racismo as violências relacionadas ao gênero, étnico-racial, religioso, social, entre outras (GOMES e ARAÚJO, 2023, p. 41).

Para haver uma mudança nesse quadro nas escolas, é importante que as instituições trabalhem a representatividade na educação, essas ações podem ser feitas através de projetos, filmes, desenhos e até mesmo livros, lembrando-se de sempre trazer essa temática de forma esporádica sem focar em datas comemorativas, como o dia da consciência negra. É importante que esse tema seja trabalhando ao decorrer do ano letivo, assim: “A representatividade negra presente nos projetos gráficos cumpre um importante papel na ampliação do repertório estético-cultural de leitores(as) infantis”. (BATISTA e CALDEIRA, 2023, p. 8).

Pensar na literatura como ponto de partida para trabalhar a representatividade é um caminho interessante, tendo em vista que nos dias atuais a literatura é um dos meios em que se encontra mais personagens negras.

A desconstrução das estereótipos e discursos racistas dominantes no campo literário para infância é inevitavelmente política, por se tratar de buscar assegurar uma equidade ética e estética nas representações do ponto de vista artístico, cultural e social. Para isso, os livros infantis incluídos nessa categoria apresentam a representatividade de personagens negros e negras e estes(estas)

são ilustrativos da beleza e diversidade de suas estéticas e de seus costumes. Além disso, a apresentação das realidades culturais dos povos africanos e afro-brasileiros aparece como elemento importante na desconstrução dos estereótipos. Dessa forma, os livros podem proporcionar aos(as) seus(suas) interlocutores(as) a valorização da diversidade e o fortalecimento do sentimento de pertença, com modelos que reflitam positivamente a realidade, contribuindo para que os indivíduos se tornem cada vez mais conscientes de si e do outro (BATISTA e CALDEIRA, 2023, p. 8).

É possível observar que a criança tem sua identidade construída só consegue esse êxito por ter ao seu redor uma estrutura cultural e étnica estabelecidas. Assim, a construção da identidade da criança e a forma como o racismo pode afetar a vida de uma criança, podem e devem ser desenvolvidos no interior da escola. Para tal, como mostrou a seção presente, há vários meios pelos quais essa representatividade pode ser trabalhada, por isso, na seção que segue, discute-se a Literatura como ferramenta importante e imprescindível para esse processo.

3. A Representatividade e a Literatura Infantil: construindo a identidade da criança negra e valorizando as diversidades raciais

Nesta última seção, terá como foco a representatividade e a forma como ela pode ajudar na construção da identidade da criança negra e também em sua autoestima. Para a qual traremos exemplos e possibilidades de inserção no cotidiano escolar.

Alves (2012) afirma que é possível notar como diversidade vem ganhando espaço, principalmente, quando se fala de meio do entretenimento, diferente de alguns anos atrás, quando na TV não se via negros com papel em destaque, ou seja,

Embora direitos sejam reconhecidos e o discurso de uma igualdade racial seja entoado às púrpuras e fantasias dignas de um carnaval, aliás, um dos pouquíssimos espaços dados pela mídia e pela sociedade em geral em que, de fato, a figura do negro aparece como central, diga-se de passagem, personificada, sobretudo, na figura feminina. Esta última está, contudo, está rotulada e estereotipada em trajes mínimos, ou seja, o discurso da igualdade segue enganando aqueles que por este se deixam envolver (ALVES, 2012, p. 6).

No entanto, é preciso atentar-se para o fato de que a sociedade tenta mostrar uma falsa representatividade trazendo para os meios de comunicação a imagem da mulher negra como um objeto. É importante entender que isso só acontece porque a sociedade

ainda vive em uma realidade em que a cor da pele tem um grande peso quando se refere a julgamento de caráter.

E é por isso que a representatividade é tão importante para a quebra desse estereótipo que o negro adquiriu ao longo dos anos, como Santos (2020) relata, em suas palavras

A representatividade negra vem para combater os discursos que invisibilizam, segregam e marginalizam pessoas apenas por conta da cor, permitindo, assim, que os negros também possam se enxergar em diferentes lugares, ocupando-os e sendo bem-sucedidos. Ela vem, portanto, para promover a igualdade racial (SANTOS, 2020, p. 10).

Para a autora, desta forma, é importante que desde cedo a representatividade esteja presente na vida da criança, pois é possível identificar que quando a criança tem essa referência ela consegue discernir melhor que o mundo é diverso e que a cor da pele não define o caráter de ninguém, assim crescendo e entendendo “que ninguém é melhor que ninguém” só por causa da cor de sua pele,

Portanto, quando ela não tem contato com a representatividade negra em nenhum momento da infância, a criança passa a formar uma imagem mental baseada em preconceitos. Uma visão distorcida que vai levá-la a se tornar um adulto que enxerga apenas a si mesmo, muitas vezes incapaz de ter empatia e entender a dor do outro (SANTOS, 2020, p. 21).

Entender que a representatividade é fundamental para que a criança cresça sem limites de sonhar, podendo desejar o que quiser sem se preocupar com estereótipos calcados na sociedade em que vive, assim

Por meio de uma análise investigativa, passa a ser notório como as mais diversas comunicações midiáticas nos chegam embranquecidas. Há uma massificação da participação de personagens da cor branca, frente a uma participação inexpressiva de personagens e pessoas da cor negra. Essa realidade pode ser verificada em programas das mais diversas características inclusive em telejornais, bem como na própria propaganda (ALVES, 2012, p. 5).

Quando se pensa na representatividade, Alves (2012) ainda relata que, é possível ver o grande avanço que ocorreu ao longo dos anos, principalmente quando se fala sobre os meios de comunicação, hoje é muito mais fácil encontrar personagens negras como protagonista, fato que a pouco tempo atrás era impossível. Essas mudanças estão cada vez mais presente no dia a dia da sociedade.

O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem e impõem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. (ALVES 2012, p.7).

Todavia quando se trata desse público, nota-se um avanço maior, pois desde os anos 2000, para Alves (2012) é possível encontrar personagens negras em desenhos e livros, sempre ocupando papéis com alguma relevância, porém isso só foi possível porque o consumo de produtos norte-americanos é ainda muito grande no Brasil, e como nos Estados Unidos a figura do negro vem ganhando, isso acabou se repetindo no Brasil, ainda sobre Alves (2012, p. 8) “Na sociedade brasileira, há uma segregação que não é positivada em lei, mas que pode ser percebida no imenso abismo social que existe entre brancos e negros”.

Para exemplificar essa questão, personagens negras como, por exemplo, podem-se citar algumas animações infantis, como: “Três espiãs demais”; “Super Choque”; “A princesa e o sapo”; “Guilhermina e Candelario”; “Doutora brinquedos”; “A casa Mágica de Gaby”; “Stiven Universo”; entre outro. Também é possível ver que as grandes indústrias de entretenimento estão optando em trocar algumas personagens que foram descritos como brancos antigamente, mas que hoje, optou-se por mudar para pretos como exemplo, a Sininho, do filme Peter Pan, e também, a Ariel de “A pequena Sereia”. Para a criança negra ter tantas referências é muito importante, pois ajuda a construir sua identidade desde muito pequena, como também traz a temática da diversidade em uma proporção mais ampla na sociedade.

Já na Literatura as personagens estão presentes desde a década de 1980. Alves (2012) afirma que o livro mais conhecido dessa temática “Menina Bonita, do Laço de Fita”¹⁰, é um conto que vem passando por gerações, que aborda a questão da cor da pele e enaltece a beleza na pessoa negra, livro esse que, para a autora, foi o início para várias publicações com essa temática e, que trazem a questão da representatividade, construção da identidade e diversidade de formas essenciais. Para isso, no tópico a seguir, foram selecionadas algumas Literaturas que podem ser utilizadas com essa premissa.

¹⁰ MACHADO, Ana Maria. Menina Bonita do laço de fita. Rio de Janeiro: Ática, 2000.

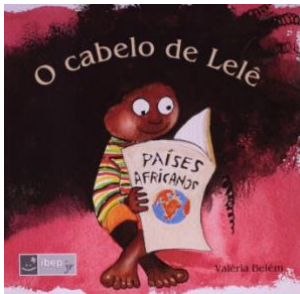
3.1 - Como Trabalhar a representatividade por meio da Literatura Infantil

O presente tópico traz exemplos de Literaturas infantis que podem ser utilizadas para se trabalhar dentro de sala de aula a questão racial. Para isso, Martins e Silva (2022) afirmam que é importante que cada professor esteja qualificado para atuar, de modo a compreender e identificar o racismo no ambiente onde está atuando para que, assim, possa combatê-lo da melhor forma.

Por fim, outra questão que deve ser apontada é a da formação dos professores. Faz-se extremamente necessária uma abordagem enfática da educação das relações étnico-raciais nos cursos de formação inicial e continuada dos profissionais da educação. Além disso, é fundamental que haja a ampliação dos cursos voltados para a temática que já estão em exercício, para que estes sejam de conhecimento de todos (MARTINS, SILVA, 2022p. 11)

Trabalhar a temática racismo não pode ser algo que acontece em dias comemorativos, precisa ser uma ação que ocorre diariamente, e para isso acontecer é crucial que haja ações dentro do ambiente escolar. Por isso, é importante que as escolas comecem ações que façam esse assunto ter destaque em sala de aula, para isso contar com a literatura é um bom caminho, como podemos observar no Quadro 1.

Quadro 1: Literaturas Infantis e suas temáticas para o trabalho com a Representatividade

LITERATURA	POSSIBILIDADES
 <p data-bbox="360 1668 660 1736">Figura 1: O Cabelo de Lelê Fonte: Belém (2007)¹¹</p>	<p data-bbox="802 1350 1356 1635">Esse livro conta a história de Lelê uma menina preta que não gosta de seus cabelos, pois não entende as origens do mesmo. Quando ela conhece e entende o poder de seus cachinhos passa a amar tê-los, especialmente por entender as origens dos mesmos.</p>

¹¹ BELÉM, Valéria. O Cabelo de Lelê. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

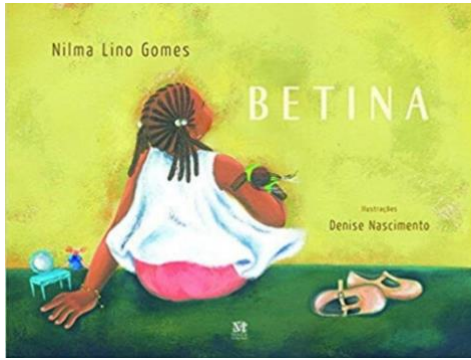


Figura 2: Betina
 Fonte: Gomes (2009)¹²

Conta a história de uma menina que ama os dias de arrumar o cabelo, pois além de um novo penteado ela ainda passava um tempo com a avó que, enquanto arrumava os cabelos da neta contava histórias, cantavam e riam juntas.

Esse livro mostra como é bom e prazeroso cuidar do cabelo e também que esse momento é único, pois é onde também pode passar um tempo se divertindo com a sua avó, e através do livro, muitas mulheres negras conseguem se identificar, pois a maioria delas já viveu a cena descrita no livro, onde a menina sentava no chão para poder fazer seu cabelo.



Figura 3: A Cor de Coraline
 Fonte: Rampazo (2017)¹³

Nesse livro é falado sobre a cor da pele, quando um colega pede para Coraline um lápis cor da pele ela começa a imaginar como seria se vivessem em um mundo diferente e como seria a cor de sua pele.

Um livro interessante que aborda a diversidade étnica-racial, de forma divertida e repleta de imaginação.

Conta a história de uma menina que não gostava de ter a pele pretinha, pois todos ao seu redor a rejeitavam por esse motivo, no enredo há também um conto de origem africana que

¹² GOMES, Nina Lino. Betina. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

¹³ RAMPAZO, Alexandre. A Cor de Coraline. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.



Figura 4: Sulwe
Fonte: Nyong (2019)¹⁴

mostra a garota que todos são belos e únicos independente do que os outros dizem.

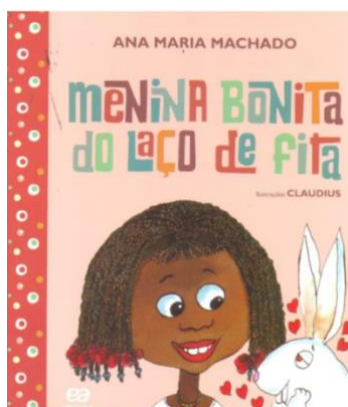


Figura 5: Menina Bonita do Laço de Fita
Fonte: Machado (2000)

Não podendo esquecer o clássico livro da Menina bonita do laço de fita, da autora Ana Maria Machado. Esse é um dos primeiros livros a abordar o tema etnia, e conta a história de um coelho que se encanta por uma menina negra que usa um laço na cabeça. A cor da pele dela o atrai tanto que ele deseja ficar igual a ela. Nesse livro, o tema da cor da pele é citado de forma diferente focando muito mais na beleza da pele negra do que os outros livros, e por ser um livro tão antigo ele acaba sendo um clássico da literatura brasileira.



Figura 6: O Pequeno Príncipe Preto
Fonte: França (2020)¹⁵

Esse livro tem uma temática mais voltada para a cultura africana. Traz uma versão baseada em elementos africanos, demonstrando que o amor e a empatia podem ser espalhados a todos, independente de sua raça.

¹⁴ NYONG, Lupita. Sulwe. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

¹⁵ FRANÇA, Rodrigo. O Pequeno Príncipe Preto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

 <p>Figura 7: O Chuva de Manga Fonte: Rumford (2005)¹⁶</p>	<p>Esse livro tem uma temática mais voltada para a cultura africana, que conta a história de um menino que vivem em uma aldeia que passa por uma seca, sobre a imaginação de uma criança e sobre uma semente de manga que após a chuva se transforma em uma linda mangueira.</p>
 <p>Figura 8: As Bonecas da Vó Maria Fonte: DUARTE (2021)¹⁷</p>	<p>Conta a importância de estar perto da família e mostra personagens negras, destacando a etnia, por meio da valorização do cabelo. O livro fala sobre três irmãs que vão visitar sua avó e ela através de uma contação de história cria três bonecas para suas netas, e por decorrência acaba virando uma empreendedora, vendendo lindas bonecas que destacam a diversidade étnica e cultural.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, a partir da seleção de algumas Literaturas.

Como é possível ver há vários livros que podem ser usados dentro de sala de aula, além de livros é possível trazer filmes e desenhos que tenham personagens negros, brincadeiras de origem africana, falar para as crianças palavras do português que são originárias da África, brinquedos e bonecas entre outras coisas.

¹⁶ RUMFORD, James. Chuva de Manga. São Paulo: Brinque Book, 2005.

¹⁷ DUARTE, Mel. As bonecas da Vó Maria. São Pulo: Itaú, 2021.

Esses livros têm como objetivo trabalhar a autoestima e o cuidado das crianças sendo elas pretas ou brancas, mostrando como é bom e prazeroso cuidar do cabelo, valorizando-o em suas diferenças, assim como, passar um tempo se divertindo com a sua avó. Assim, notamos através dos livros que muitas mulheres negras conseguem se identificar, pois a maioria delas já viveu a cena descrita no livro, da mesma maneira que podemos entender que todo o cabelo é lindo e que cada característica tem uma história por traz.

Além do cabelo, as literaturas mencionadas enfatizam e valorizam a aceitação da cor da pele mostrando para as crianças as diferenças são lindas. Apresentando em seus enredos referências da cultura africana, através do conto e também da ilustração que é marcada por referências da cultura.

Com isso, pode-se notar todas as possibilidades de se trabalhar a construção da identidade da criança negra através da literatura. Segundo Rosário (2023, p. 9) “a literatura infantil torna-se recurso importante pois oferece aos seus leitores personagens que são importantes para constituição do imaginário da criança negra”, e com a literatura é possível trabalhar tantos pontos sobre a etnia negra de uma forma leve.

Quando a criança consegue se enxergar, isso a ajuda a construir a sua autoestima, demonstrando que a beleza está na diversidade.

Considerações Finais

Os objetivos iniciais da presente pesquisa era de abordar a construção da identidade da criança negra na Educação Infantil. Assim, buscou-se entender a importância da educação antirracista, discutir como a representatividade ajuda na construção da identidade da criança, destacar como a literatura infantil pode abordar o racismo para as crianças, ajudando na construção de sua identidade.

Foi feita uma pesquisa bibliográfica com base em levantamentos de artigos e livros sobre o tema escolhido.

Dando início na pesquisa o primeiro tema abordado foi sobre questão racial, dando destaque como o racismo foi inserido em nossa sociedade, trazendo um contexto histórico social, falando sobre a escravidão desde a busca dos pretos na África até os dias atuais, focando em como a sociedade enxerga os negros e como a mídia teve um papel essencial para esse feito.

Em seguida, foi ressaltado a importância da educação antirracista, e como ela pode promover uma mudança na maneira como a sociedade trata e percebe os negros. Isso por sua vez, pode ajudar os próprios negros a enxergarem seu próprio potencial e a não terem medo de buscar uma carreira profissional, sem se preocupar com a rejeição dos outros e de si mesmos.

Ademais, o artigo traz a importância de trabalhar a questão da etnia desde a primeira infância, momento em que a identidade dessa criança é formada, com destaque também do papel do adulto nessa jornada, visto que a criança é um reflexo do que vê; então, se ela olha ao seu redor e enxerga o racismo, preconceito e a discriminação ela replicará essas ações no seu dia a dia.

Assim, destacou-se o papel da mídia nessa jornada, pois a mesma tem um poder enorme sobre a sociedade, mesmo sabendo que a ela é o espelho da sociedade é através dela que as tendências são lançadas, sendo ela moda, estilos de vida e até mesmo sobre padrões de beleza. E por isso, é de extrema importância que haja mais figuras negras nesse ambiente, as quais precisam ter mais destaques para mostrar que todos podem fazer tudo o que quiserem, por isso que hoje é necessário trazer mais dessa cultura africana e afro-brasileira para dentro das escolas, e com ajuda de livros, filmes e desenho isso se tornou um ato muito mais fácil de acontecer.

Por isso, destacaram-se as Literaturas infantis, selecionando algumas e demonstrando as possibilidades da mesma na valorização da cultura afro-brasileira e africana, tão presente no cotidiano das relações em nosso país. Tais literaturas, pela valorização da raça, etnia e cultura negra, demonstram possibilidades de valorização da diversidade e desconstrução de práticas preconceituosas.

Por fim, esse artigo mostra como através de uma educação de qualidade a construção de uma sociedade antirracista é possível. Para isso, é necessário que haja qualificação para professores que os ajudem a exercer um trabalho melhor, e por isso a literatura vem como uma peça fundamental para esse trabalho.

Portanto, para pensar em uma educação antirracista é preciso primeiro quebrar com a ideia de que não existe racismo na educação infantil, pois é ali, quando a criança está descobrindo o mundo e construindo sua identidade que ações como essas podem traumatizar para sempre a vida de uma criança.

Referências:

ALVES, Alan Pereira. **A Representação do Negro na Publicidade: Algumas Considerações**. ASSIS, SP, 2012.

ALVES, A.P. A Representação **Do Negro Na Publicidade: Algumas Considerações**. Assis: FEMA, 2012. 18f. Trabalho de Iniciação Científica, Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, Assis, 2012. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqPics/1011340346P438.pdf>

BATISTA, Patrícia; CALDEIRA, Maria Carolina. Veredas do protagonismo negro nas produções literárias para a infância: resistências e re-existências. In: **Caderno do Aplicação Pesquisa e Reflexão em Educação Básica**. Porto Alegre | v. 36 | n. 1 | jan./jun. 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/128857/89783>

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

DÖPCKE, Wolfgang. Uma nova política exterior depois do apartheid? Reflexões sobre as relações regionais da África do Sul, 1974-1998. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 41.

DUARTE, Mel. **As Bonecas da vovó Maria**. Editora Itau, 2021.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Betina**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

GOMES, Nilma; ARAÚJO, Arlene. **Infâncias negras, Violência e luta por uma vida justa**. São Paulo: Vozes, 2023.

LIMA, Alice de Miranda; SILVA, Roseane Santana; ARAÚJO, Jurandir de Almeida. Educação Antirracista: Reflexões sobre preconceito e discriminação racial na Educação Infantil. **Revista Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação**, Paulo Afonso, v. 9, n.14, e142005, 2021.

MACEDO, Aldenora. **NEGAR, SILENCIAR, APAGAR: A GESTÃO ESCOLAR FRENTE À EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA-UM ESTUDO DE CASO**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 9, n. 22, p. 385-408, 2017.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Editora Ática, 2000.

MACHADO, Michele V. *Pedagogia da Educação Infantil*. São Carlos: UNICEP, 2018.

MIRANDA, Clicea Maria Augusto de. **Repercussões da Guerra Civil americana no destino da escravidão no Brasil-1861-1888**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília- Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 2º Edição. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf

NUNES, Míghian. Educação antirracista para crianças pequenas: ideias para começar um novo mundo. **Zero-a-Seis**. Florianópolis, v. 23. Páginas, 59 a 76. Janeiro de 2021. Disponível em: <https://revistas.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/30691>.

NYONG'O, Lupita. **Sulwe**. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2019.

OLIVEIRA, Priscila. **Representatividade importa sim! / Educação antirracista**.

Priscila Oliveira e Valen Bela. Youtube, 2020.

Disponível em: <https://youtu.be/6fcdGiw6V3c?si=6CCf0KGGH4ZmdZSf2>

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. Editora Rocco Pequenos Leitores, -1.ed. 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1º Edição. Companhia das Letras 2019.

RUMFORD, James. **Chuva de manga**. São Paulo: Brinque Book, 2005.

SANTOS, Elisama. **Representatividade negra: entenda a importância na educação infantil**. Mundo brincar Rihappy. Novembro de 2021

Disponível em: <https://modobrinca.rihappy.com.br/representatividade-negra/>.

SANTOS, Helio. Discriminação racial no Brasil. In: **Anais de seminários regionais preparatórios para a conferência mundial contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata**. Brasília: Ministério da Justiça. 2001. p. 81-102.

Disponível em: https://tjce.jus.br/wp-content/uploads/2008/10/discriminacao_racial_no_brasil.pdf.

SILVA, Giovanna; MARTINS, Edna. **Práticas educativas de professores e famílias nos processos de construção de identidade das crianças negras**. In: *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 17, e2219451, p. 1-20, 2022. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19451>

SILVEIRA, Paulo Henrique Fernandes. **Lutas e canções contra a segregação racial nos Estados Unidos**. *Jornal GGN*, v. 19, 2022.

RIBEIRO, Daniela; SILVA, Layla; **A resignificação de uma pedagogia: construção da identidade da criança negra na Educação Infantil**. In: *UNESP - Debate Acadêmico*, 2019. Disponível em:

[file:///C:/Users/User/Downloads/artigo_revisado_layla_maryzandra-1%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/artigo_revisado_layla_maryzandra-1%20(2).pdf)

SOUZA, Evandro; SAYÃO, Thiago. **História do Brasil Colonial**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

